



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia oficial de inauguração do Restaurante Popular da Coca-Cola
Belo Horizonte, MG, 18 de março de 2004**

Agora que eu sei porque o América não tem muitos títulos de campeão mineiro. É porque utiliza toda a sua força para fazer política social, então, não consegue.

Vocês estão percebendo, pela minha fisionomia, que estou reivindicando mais sono zero do que fome zero, agora. Ou seja, todos nós precisamos ir para o hotel tomar um banho para ver se a gente consegue ficar algumas horas mais novos.

Quero, em primeiro lugar, pedir desculpas aos companheiros que estão organizando este evento, porque o nosso governador Aécio Neves não pôde vir aqui, porque está preparando uma recepção que vamos ter daqui a pouco com alguns empresários num jantar e nós nos atrasamos muito para chegar aqui.

Segundo, quero dizer que o meu vice-presidente, José Alencar – que tanto eu gostaria que viesse para cá – não veio, Pimentel, porque ele sofreu uma cirurgia, recentemente, e não pode ficar perambulando de avião para cima e para baixo, pois isso dificulta a recuperação. Mas, certamente, ele está espiritualmente envolvido, junto conosco, pela causa junto conosco nesta batalha.

Eu não sei se o Patrus conhece aqueles três personagens ali da frente: o Camargo, o Toninho Trevisan e o José Carlos Burlai. Vejam que nós precisamos de três pessoas para substituir o Oded, que era a nossa grande relação com os empresários para ajudar o programa Fome Zero. Eu quero, ao invés de cumprimentar o Pimentel, cumprimentar a Taís, porque, talvez, ela seja a responsável pelo fato do Pimentel andar com a cara tão boa ultimamente.



Quero agradecer à direção da Coca-Cola, através do senhor Brian Smith, presidente da empresa. Nós tivemos um primeiro encontro em Brasília – me parece que em agosto do ano passado – quando eles foram me comunicar sobre o restaurante que tinham inaugurado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. E naquele momento eles assumiram um compromisso comigo que, em todas as cidades onde a Coca-Cola tivesse uma fábrica, eles estariam dispostos a montar um restaurante popular, para servir a mesma comida, com a mesma qualidade que eles servem aos funcionários que trabalham na Coca-Cola.

Eu disse para eles que na hora em que eles fossem inaugurar o primeiro restaurante eu queria estar presente. Eles cumpriram a palavra de fazer este restaurante, aqui, em Belo Horizonte, e eu estou cumprindo a minha, de estar na inauguração do primeiro restaurante feito depois do nosso encontro.

O restaurante comunitário, Prato Popular, é o resultado da parceria entre a prefeitura de Belo Horizonte e a fábrica da Coca-Cola na cidade. Todo mundo sabe que a prefeitura de Belo Horizonte criou em 1994 o primeiro restaurante popular, pioneiro no Brasil, que serviu de referência e inspiração para projetos semelhantes de outras cidades e até de outros países.

O restaurante da prefeitura serve seis mil refeições diárias e cobra apenas 1 real pelo almoço e 50 centavos pelo jantar. Eu acho que, se o restaurante for bem, a gente diminui um pouco no jantar, serve o jantar também. E se continuar indo bem, a gente pode até fazer um *happy hour*, aqui, à noite, no restaurante popular. Afinal de contas, as pessoas têm direito a algo mais do que comer.

A iniciativa de instalar nacionalmente o Prato Popular – o primeiro restaurante funciona em Porto Alegre desde abril do ano passado – surgiu, na verdade, porque a Coca-Cola ficou sensibilizada com o programa Fome Zero e se dispôs, através da sua Direção, a ver o que era possível fazer.

O presidente da Coca-Cola me disse, agora há pouco, que ele está



impressionado com a capacidade de assimilação dos empresários brasileiros, porque com todas as pessoas que ele tem conversado sobre o trabalho que a Coca-Cola vem fazendo nessa área, ele disse ter ficado surpreso em ver como os empresários ficam sensibilizados e como querem contribuir ou criar alguma coisa semelhante para ajudar a população.

Quem me acompanha de perto sabe que há muito tempo eu digo que a solução dos problemas do Brasil não será obra apenas do Estado brasileiro. Ou a sociedade brasileira se conscientiza que a situação à qual nós chegamos é da responsabilidade de todos ou nós iremos continuar como se vivêssemos num país em que tivéssemos castas: aqueles que podem mais ou menos e aqueles que não podem nada, como uma grande parte da nossa população. Como todos nós sonhamos com um cantinho no céu, é bom a gente fazer as coisas boas agora, enquanto podemos fazer, porque depois pode ser que o Homem não queira mais nos receber. Então, vamos tratar de sermos bons, solidários, de estender a mão para aqueles que não tiveram a mesma oportunidade. Por isso eu fico feliz de estar aqui, feliz por esse gesto.

Eu passei tanto tempo da minha vida, achando que ser antiamericano era não beber Coca-Cola. Depois eu fui ficando mais maduro e percebi que, quando a gente levanta de madrugada, e tem uma Coca-Cola gelada na geladeira, não tem nada melhor. E ainda mais quando você percebe que a Coca-Cola assumiu uma cara mais social, uma cara voltada para contribuir num país que, certamente, tem dado uma contribuição significativa na conta da empresa, nos seus lucros. Eu acho que essa cumplicidade entre o ganho e os empregos que a Coca-Cola oferece no Brasil e, ao mesmo tempo, a devolução de uma parte disso em política social, é uma coisa extraordinária. E eu acho que a gente vai conseguir fazer muito mais com outros empresários também.

É importante lembrar que a prefeitura está concluindo o seu segundo restaurante popular, que vai funcionar na região hospitalar da cidade e terá capacidade para atender 5 mil pessoas diariamente. Isso não é mais um



restaurante, é um shopping de guloseimas.

O ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome liberou, no dia 19 de março deste ano, cerca de 1 milhão e 400 mil reais para a prefeitura concluir a construção e comprar os equipamentos do novo restaurante popular. Se não chegar, cobrem, porque já foi anunciada a intenção. Até julho deste ano, a Coca-Cola inaugurará outros restaurantes, em Jabotão dos Guararapes, em Pernambuco, em João Pessoa e Manaus.

Agora, vejam que interessante, aqui – e eu vou cobrar, Brian – não me prometa, porque eu cobro. Um dia me prometeram que eu poderia ser Presidente da República, eu cobrei tanto que terminei conseguindo. O Brian está prometendo, aqui, que até o final de 2004, a Coca-Cola vai oferecer 500 mil refeições. Por favor, registrem aí, porque cada vez que eu telefonar para ele eu vou perguntar: quantas refeições já está servindo? Eu acho que se outras empresas brasileiras assumirem essa responsabilidade, nós estaremos perto de cumprir os nossos objetivos.

Eu queria lembrar que, poucas vezes na História do Brasil, um programa teve a capacidade de sensibilizar a sociedade brasileira como teve o Programa Fome Zero. Ou seja, empresas multinacionais, empresas nacionais, pessoas de classe média, pessoas pobres, é uma infinidade de pessoas que querem contribuir, e, muitas vezes, nós não temos estrutura ou capacidade de organizar toda sociedade brasileira que quer contribuir.

Todo mundo sabe que eu assumi o compromisso que, se até o final do meu mandato, todos os brasileiros, sobretudo, os pobres, tiverem tomando café, almoçando e jantando todos os dias, já valeu a pena ter passado pelo Governo brasileiro. E eu estou certo de que nós iremos conseguir esse objetivo até o ano de 2006.

Meus parabéns à Coca-Cola, meus parabéns à prefeitura de Belo Horizonte, meus parabéns a todos os nossos contribuintes anônimos que tanto têm nos ajudado a vencer essa batalha da fome. Podem ficar certos que hoje



tem alguém nesta cidade que está com as calorias e as proteínas de que o corpo humano necessita já ingeridas, e essas pessoas serão eternamente agradecidas àqueles que um dia tiveram a graça de se lembrar que as palavras solidariedade, respeito e ética não saíram do dicionário e, muito menos, do nosso vocabulário.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.